

Percursos histórico-sociais de famílias de imigrantes espanhóis no interior de São Paulo-SP (1880-1950)

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo analisar de forma comparativa a trajetória de quatro famílias de imigrantes espanhóis que chegaram ao interior de São Paulo no final do século XIX: a família Lahóz, de Catanduva; a família Bravo Del Val, de Santo Anastácio; e a família Perez Muñoz, de Santa Fé do Sul; e a família Rodrigues Blanco, de Olímpia. Sobretudo, sob a ótica da inserção e da mobilidade social horizontal e vertical.

Materiais e Métodos

Inicialmente, foi realizado um extenso mapeamento das regiões – e, conseqüentemente, dos municípios – dentro do interior do estado de São Paulo em que a presença de imigrantes espanhóis se mostrava ao menos quantitativamente relevante. Para tal, cruzando os dados estatísticos presentes no *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950* (BASSANEZI et al, 2008) com outras referências bibliográficas sobre imigração e sobre história do interior de São Paulo, chegou-se a 34 municípios relevantes à pesquisa. Ainda que no geral a pesquisa cubra uma quantidade maior de municípios, no presente trabalho apresentaremos dados qualitativos referentes a quatro destes: Catanduva, Santo Anastácio, Santa Fé do Sul e Olímpia. Os dados para a elaboração das trajetórias foram coletados através de entrevistas e documentos das próprias famílias.

Resultados

Os espanhóis foram o terceiro grupo numericamente mais significativo entre os imigrantes europeus e asiáticos que adentraram no Brasil. Segundo estatísticas oficiais, entre 1820 e 1972, aproximadamente 717 mil espanhóis entraram no país, contra aproximadamente 1.7 milhões portugueses e 1.6 milhões de italianos, os dois grupos numericamente mais relevantes. Dentre esses espanhóis, só o estado de São Paulo, entre 1885 e 1929, recebeu aproximadamente 380 mil imigrantes, número que também os

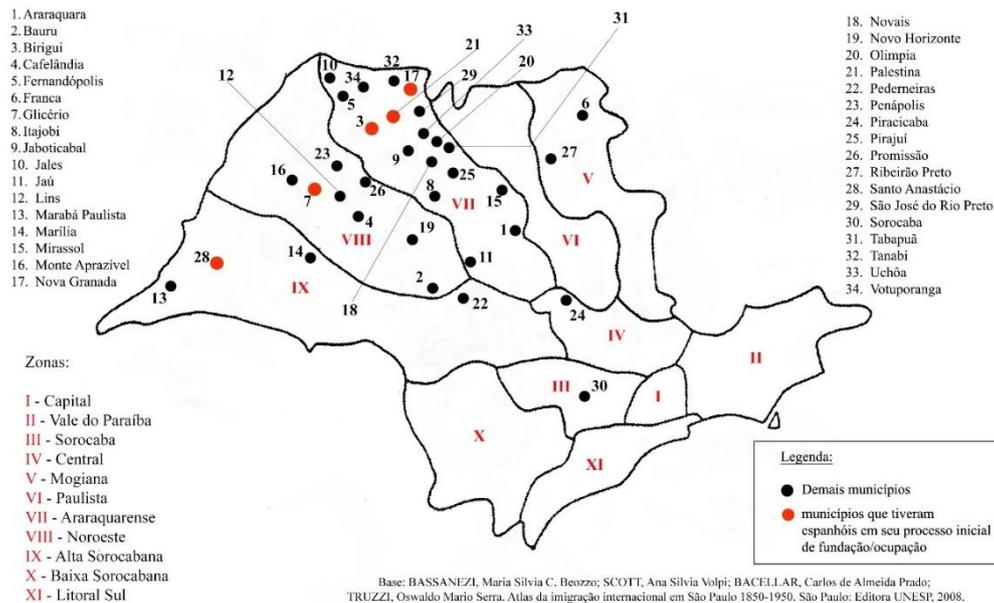
coloca como o terceiro grupo mais expressivo da região (MARTÍNEZ, 2000). Além disso, a imigração espanhola para São Paulo passou a ser, de 1905 a 1920, a mais numerosa do estado, com 205.008 ingressos, superando em número entradas, durante esse período, a imigração portuguesa, que contou com 171.249 ingressos, e a italiana, com 169.429 (MARTINS, 1989).

O ponto pelo qual precisamos partir para compreender a inserção dos espanhóis no interior de São Paulo é que este grupo chegou ao estado posteriormente aos italianos, realizando assim que o que José de Souza Martins (1989) classifica como uma *imigração tardia*. Segundo o autor, enquanto a grande maioria dos italianos imigrou para o Brasil ao final do século XIX com o objetivo de substituir a mão de obra escrava, os espanhóis chegaram majoritariamente entre 1905 e 1920, quando o Brasil já sentia o efeito do Decreto Prinetti, que proibia a imigração de italianos subsidiada pelo governo brasileiro. Nesse momento, muitos italianos estavam retornando a seu país ou reemigrando para a Argentina ou Uruguai. Assim, pode-se dizer que os espanhóis vieram, sobretudo, para substituir os italianos como mão de obra nas lavouras de café.

Essa imigração tardia impactou tanto na inserção quanto na mobilidade do grupo no interior de São Paulo. Por terem chegado mais tarde, não alcançaram a fase tão próspera da cultura do café e foram obrigados a se dirigirem, majoritariamente, para as zonas pioneiras, mais a oeste do estado, onde as terras eram menos férteis.

Podemos observar esse padrão de inserção ao cruzarmos os dados fornecidos pelo *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950* com informações bibliográficas sobre diversos municípios do interior de São Paulo que apontam alguma relevância da presença dos imigrantes espanhóis nesses municípios:

Imigrantes espanhóis no Interior: um panorama geral



Dos 34 municípios levantados, a grande maioria se encontra nas zonas novas. Aproximadamente 18 municípios fazem parte da zona Araraquarense (Araraquara, Birigui, Fernandópolis, Itajobi, Jaboticabal, Jales, Jaú, Mirassol, Nova Granada, Novais, Olímpia, Palestina, Pirajui, São José do Rio Preto, Tabapuã, Tanabi, Uchôa e Votuporanga) e oito fazem parte da zona Noroeste (Bauru, Cafelândia, Glicério, Lins, Monte Aprazível, Novo Horizonte, Penápolis e Promissão). Apenas um município (Piracicaba) está na Zona Central, mais antiga. Vale ressaltar que há forte presença de espanhóis na fundação de cinco municípios entre esses: Birigui, Glicério, Nova Granada, Palestina e Santo Anastácio. Todos eles à extremo oeste do estado.

É possível dizer, portanto, que a imigração espanhola coincidiu com a expansão do café para o oeste novo. Segundo Henry Marcelo Martins da Silva (2013), em 1920, 49,9% dos 133.749 espanhóis que viviam no interior de São Paulo estavam nas zonas novas, contra 31,9% dos italianos e 27,2% dos brasileiros. Os espanhóis encontravam-se, sobretudo, nas regiões Araraquarense, Alta Sorocabana e Noroeste. É possível, portanto, observar um percurso de migração interna entre as famílias estudadas.

A trajetória da Lahóz aqui no Brasil começou em 1892, quando Manoel Lahóz e Adelaide Jodas Barbero chegam em Santos, vindos da cidade de Nerja, em Málaga. Segundo relata o neto do casal, o casal imigrou para o Brasil pois Manoel era pobre e o pai de Adelaide, capitão da esquadra espanhola, por não aprovar o romance, deserdou-a e passou a perseguir Manoel. Chegando ao país, são encaminhados através da Hospedaria

dos Imigrantes como colonos para uma fazenda em Bocaina. Em 1909, um de seus filhos, Jose Angel Lahóz, consegue amealhar 3 contos de réis de comprar 10 alqueires de terras ainda em mata virgem, já na região de Catanduva, de uma companhia de colonização de Araraquara. Jose segue para a região sem a família para derrubar a mata, construir uma casa e plantar os primeiros pés de café. Em 1911, volta para buscar a família. Pouco tempo depois, adquire mais 15 alqueires de fazenda. Em 1924, compra máquina de beneficiamento de café, um caminhão para transporte, além de dois sítios vizinhos, o que demonstra mobilidade social ascendente.

O percurso traçado pela família Bravo Del Val tem um início um pouco diferente. Em 1910, Francisco Bravo Del Val, oriundo do município de Lorca, na província de Múrcia, desembarca no Rio de Janeiro e segue para Descalvado, já no interior de São Paulo, onde trabalha como colono até 1917. Nesse mesmo ano, parte para Penápolis com o objetivo de adquirir um sítio. Entretanto, é informado nesse município que com a mesma quantia conseguiria comprar maior quantidade de terras na região de Santo Anastácio. Francisco segue para a região, onde consegue adquirir 50 alqueires e se torna um dos primeiros habitantes dali.

A trajetória da migração da família Perez Muñoz iniciou em meados da década de 1910, quando Joaquin Muñoz e Ana Maria Baños se estabeleceram como colonos em uma fazenda em São José do Rio Preto. Na década de 1920, o casal era proprietário de um sítio de 30 alqueires em Tanabi. Em 1924, através de cartas, chamaram à imigração a filha, Ana Maria Baños e o genro, Jaime Perez Lopes, que chegaram ao país neste mesmo ano. Em 1937, Joaquin Muñoz falece e sua esposa vende o sítio em Tanabi e reparte a herança com os filhos. Em 1942, Ana e Jaime, com o dinheiro da herança, compram um sítio de 10 alqueires em Votuporanga. No mesmo município, em 1951, Ana e Jaime conseguem comprar um sítio maior, com 20 alqueires. O filho, Jaime Perez Muñoz – neto de Joaquin e Ana – consegue comprar seu sítio, de 15 alqueires, em 1956, no município de Santana da Ponte Pensa, propriedade esta que possui até hoje.

Por fim, a trajetória de imigração da família Rodrigues Blanco no final do século XIX, quando Eloy Rodrigues Alvar partiu da Galícia para a Argentina devido ao fato de não receber terras na partilha de bens da família. Por dificuldades encontradas na Argentina, Eloy decide reemigrar para o Brasil, chegando até Rio Claro e, em seguida, buscando trabalho na região de Olímpia, “fim da linha do trem”, nas primeiras décadas do século XX. A partir de 1910, Eloy começa a trazer a família, através de cartas de

chamada. Sua esposa, que havia ficado na Espanha, falece um pouco antes da viagem e Eloy tem de retornar a Galícia para buscar seu filho, Benito. Acaba retornando e trazendo sua irmã, Flores. A partir de então, outros membros da família passam a imigrar diretamente para Olímpia por conta de cartas de chamada de Eloy, que também é um dos membros fundadores da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos do município.

Conclusões

Em todos os casos analisados, há um claro percurso de migração interna cada vez para o oeste do interior do estado de São Paulo, onde as terras eram mais baratas. Entretanto, é interessante notar as trajetórias de migração interna são menos frequentes na família Rodrigues Blanco e também em outras famílias entrevistadas no município de Olímpia. Grande parte dos imigrantes que ali se encontram já foram diretamente para os municípios através de cartas de chamadas de amigos ou parentes. Portanto, as redes migratórias estabelecidas na localidade se tornam um forte fator de inserção e estabelecimento.

Referências

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo; SCOTT, Ana Silvia Volpi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MARTÍNEZ, Elda Evangelina Gonzáles. O Brasil como País de Destino para os Migrantes Espanhóis. In: FAUSTO, Boris (Org). **Fazer a América**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

SILVA, Henry Marcelo Martins. Construtores do sertão: imigrantes espanhóis em São José do Rio Preto-SP. **Fato & Versões**, v. 5, p. 1, 2013.